

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

56)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MAIO 26, 1838



VISTA DA SE' D'ALBY, E DE PARTE DA CIDADE.

ALBY — SE' D'ALBY — ALBIGENSES.

I

ALBY, ou Albi, é uma cidade do sul da França, situada a distancia de, pouco mais ou menos, 350 milhas de Paris, nas margens do Tarn, um dos rios que desaguam no Garonna, e é a capital do departamento do Tarn. A cidade é antiga: mas no tempo dos romanos, que lhe pozeram o nome de Albica ou Albia, era de pouca monta: hoje terá de 11 a 12 mil habitantes. É arcebispado; mas apesar da sua importancia civil e ecclesiastica, é uma das cidades de França mais mal construidas, não contendo cousa alguma digna de attenção, salvo um passeio publico que ha fóra da cidade, e a igreja cathedral que se vê na nossa estampa.

A sé d'Alby é antiquissima, tendo sido uma das primeiras que se estabeleceram nas Gallias depois de ser ahi introduzido o christianismo, e as ruinas da primitiva igreja cathedral ainda hoje se veem junto ás margens do Tarn. A que hoje existe foi começada no anno de 1282 pelo bispo Bernardo de Castanet, que consignou para a obra a vigessima parte dos seus rendimentos, por espaço de 20 annos, e persuadiu o cabido a seguir o seu exemplo. Apesar disto o edificio só veio a acabar-se em 1512, isto é, 230 annos depois da sua fundação. Durante a revolução a cathedral de Alby foi condemnada a ser demolida, mas, pelos esforços de M. Mariés, homem erudito e entendedor, que representou quão vergonhosa seria para a França a destruição de uma cathedral tão magnifica, o directorio do departamento ordenou que fosse conservada.

O aspecto externo deste templo é notavel pela extrema solidez e regularidade que apresenta. Em geral é destituido daquelles delicados ornatos que se veem nos edificios gothicos, excepto do lado do sul, onde ha um formoso portal. Do cimo da torre ao nivel do rio, que passa na raiz do outeiro em que a igreja está edificada, ha mais de 400 pés de altura.

Albi, apesar do pouco que é hoje, não deixa de ser muito interessante pelas recordações que suscita. Monumento das guerras religiosas, ella ahi está para nos lembrar quantos parabens devemos dar a nós mesmos por termos nascido n'um seculo de tolerancia e de philosophia.

No duodecimo seculo foi que appareceu a celebre seita dos Albigenses, cujo nome muitos auctores pretendem lhes viesse da cidade d'Alby, ou porque ahi havia um grande numero desses sectarios, ou porque as suas opiniões foram condemnadas no concilio d'Alby, em 1176, ou, em fim, porque Raimundo Rogerio, visconde de Alby, foi um dos primeiros barões provençaes perseguidos por causa da protecção que davam á nova seita.

Quando a perseguição dos Albigenses começou, a França não era, como hoje, uma monarchia sujeita a um unico principe: influíam nella quatro monarchas, de cada um dos quaes eram feudatarios alguns poderosos vassallos. Philippe Augusto reinava no norte, isto é, era rei da França, assim chamada. Para a banda de oeste dominavam os inglezes, e para o oriente os allemães: dependiam da Hespanha ou antes do Aragão as provincias do sul. Até o reinado de Philippe Augusto, a primeira destas divisões era a menos extensa, a menos rica, e a menos poderosa; mas este monarcha por uma serie de circumstancias fortuitas, mais do que por sua habilidade, augmentou grandemente os dominios da corôa. Foram as novas acquisições feitas á custa do rei de Inglaterra; e no principio do 13.^o seculo tinha conquistado mais de metade da França ingleza. Mas os aragonezes e alle-

mães ainda conservavam as antigas possessões, das quaes as allemães cada vez estavam mais ligadas ao imperio germanico, e as aragonezas continuavam a formar parte dos estados livres de Aragão.

Comtudo, em nome, Philippe Augusto era o soberano, não só do territorio em que realmente governava, mas tambem da França ingleza, e da aragoneza. Como o rei de Inglaterra, o rei de Aragão era considerado como principe francez. A maior parte dos seus estados — ainda além dos Pyreneus e até as margens do Ebro — tinha pertencido á antiga monarchia de Carlos-Magno, e assim elle, como possuidor delles, julgava-se que devia homenagem á corôa de França. Assim os Pyreneus não eram então, como hoje, os limites da França e Hespanha; mas os paizes immediatos ás suas vertentes para um e outro lado, isto é, o sul da França e o nordeste da Hespanha, eram sujeitos ao mesmo principe.

Estas provincias dependentes do rei de Aragão eram habitadas por um povo industrioso e intelligente, dado ao commercio, ás artes, e ainda mais á poesia. As côrtes dos pequenos principados em que este paiz se dividia, aspiravam todas a serem modellos de bom gosto e de policia. As cidades eram numerosas e florescentes e a fórma do seu governo quasi republicana: tinham consules escolhidos pelo povo, e gosavam do privilegio de formar municipalidades, que as tornavam quasi eguaes ás republicas d'Italia, com as quaes tinham tracto e commercio.

No meio desta grande prosperidade a amena região do sul da França foi entregue á furia de innumeráveis cabildas de fanaticos; as suas cidades arruinadas; os seus habitantes mettidos á espada; o seu commercio destruido, e as suas artes reduzidas á barbaridade. A côrte de Roma foi a principal causadora de tantas atrocidades. O rei de França não foi o primeiro que instigou os perseguidores; posto que trabalhou em completar aquella obra de destruição; e aceitando dos papas o territorio que elles tinham confiscado, estendeu assim o dominio da corôa franceza até o mar mediterraneo.

Nestas provincias o clero tinha-se enriquecido com muitos legados e doações. Os bispados rendosos eram geralmente reservados para os membros das familias poderosas, os quaes viviam devassamente, em quanto os curas, e o clero inferior, tirados d'entre os vassallos da nobresa, rendeiros ou escravos, conservavam a brutesa, ignorancia, e baixesa, proprias da sua casta servil. Os vicios dos ecclesiasticos excitaram o odio popular, a ponto que os seculares costumavam dizer proverbialmente: *antes ser padre do que practicar tal ou tal acção*. Apesar disto, o povo era religioso, e não achando a virtude no meio do clero catholico, lançava-se nos braços dos sectarios de uma nova heresia, que então apparecera naquellas partes, e cujos proselitos augmentavam diariamente.

Difficiloso é hoje o apurar quaes eram as opiniões que seguia essa seita, que debaixo da denominação de albigenses, foram perseguidos pelos catholicos romanos. A historia delles foi escripta por aquelles mesmos que os puniram com horribeis tormentos, que os perseguiram até os aniquilar, e que destruíram os seus escriptos, impossibilitando-os por assim dizer, de fallarem em seu abono. Um frade, que depois foi inquisidor-geral, diz que elles tinham apparencias de grande sanctidade; porque viviam muito ajustadamente aos olhos dos homens, criam sinceramente em Deus, e em todos os artigos da fé; mas que detestavam e infamavam a igreja de Roma, e eram cridos pelo povo nas accusações que faziam contra ella e contra o clero. Se ajunctarmos este testemunho de um inimigo ao absurdo que ressumbra de todos os contos que

se inventaram ácerca das suas practicas occultas, não será custoso julgar se com effeito elles mereciam a atroz perseguição que se lhes fez.

Fossem, porém, quaes fossem as suas opiniões, ellas despertaram no fim do 12.^o seculo a attenção das autoridades ecclesiasticas. O papa Innocencio 3.^o que subiu ao throno pontificio, em 1198, foi o primeiro que lhes deu a devida importancia. Incapaz tanto de compaixão como de disfarce, o seu character e a sua politica lhe persuadiam que não devia pactuar de modo algum com aquelles que differiam em doutrina da igreja de Roma, e que se os não esmagasse, e lhes não exterminasse a casta, enchendo assim de terror a christandade, o exemplo que elles davam seria seguido por outros, e a fermentação dos espiritos que já começava a apparecer por varias partes, produziria uma conflagração geral em todo o orbe catholico. A provincia de Narbonna era especialmente o objecto da sua attenção; e no primeiro anno do seu pontificado mandou para ahi dois frades, que podemos olhar como os fundadores da inquisição, posto que este tribunal só em 1233 fosse organizado. Estes *inquisidores*, como vulgarmente lhes chamavam, tinham a seu cargo dispersar os herejes, queimar os seus cabeças, e confiscar os bens daquelles que fossem taxados de heresia. Attravessavam a provincia acompanhados de grande numero de frades, e armavam disputas com todos aquelles que queriam reduzir ao gremio da igreja, ou castigar com a pena capital. Faziam de antemão nomear os juizes destes combates intellectuaes, em que, segundo elles diziam, levavam sempre a palma da victoria.

Os inquisidores brevemente se tornaram odiosissimos, e, mais do que a ninguem, a Raimundo conde de Tolosa, em cujos dominios os albigenses eram muito numerosos. Na primavera de 1207 Raimundo estava envolvido, segundo a moda do tempo, em uma guerra com varios barões da visinhança: Pedro de Castelnau, um dos legados do papa, intentou fazer as pazes entre os contendores; e dirigindo-se primeiro aos barões, alcançou delles a promessa, de que, se Raimundo quizesse estar por certas pertensões que elles tinham, empregariam todas as suas forças conjunctamente na exterminação dos herejes. Como era natural, o conde de Tolosa recusou assentir a este fanatico tractado, que o obrigava a ceder daquillo em que suppunha ter justiça, não tirando dessa condescendencia senão o entrar-lhe nos seus estados um exercito inimigo, que roubasse e matasse os seus vassallos a belprazer do clero. O legado, enraivecido com a negativa do conde, o excommungou, poz o interdicto nos seus estados, e escreveu ao papa para obter a confirmação da sentença. Innocencio 3.^o que tinha boa vontade de começar as hostilidades, approvou o atrevido procedimento do legado, confirmou a sentença, e dirigiu um breve insultuoso a Raimundo, em que se não mostrava avaro nem de injurias, nem de ameaças.

A esta carta seguiram-se vigorosos ataques dos barões com que Raimundo tinha guerra; e brevemente o conde foi obrigado a fazer a paz com as mesmas condições que tinha recusado a principio, obrigando-se a exterminar os herejes nos seus estados. Foi no fim deste anno de 1207 que Innocencio 3.^o se lembrou de prégar a primeira cruzada contra os albigenses. Desta cruzada, e dos seus resultados, como dos horrores que então se practicaram, fallaremos em um segundo artigo.

IDEA DA HISTORIA ANTIGA.

1.^o

BARBAROS.

DEBAIXO desta denominação se costumam incluir to-

dos os povos da antiguidade exceptuando os gregos e romanos. A policia destas duas nações, unicas que reuniam a civilisação e a liberdade, contrastava com a escravidão ou com a barbaria de todas as outras; e porque não existe verdadeira sociedade sem aquellas duas prerogativas de que gosavam os habitantes da Grecia e Lacio, com rasão davam estes semelhante titulo ás outras gentes; titulo que ainda a historia justamente lhes conserva.

Egypto.

Destas o Egypto é o paiz cujas tradições e memorias passaram a nós de mais remota data; não só por que os gregos lá iam buscar as suas origens, mas por que em nossos dias teem sido explorados os monumentos que elles nos deixaram, e em que está escripta para a eternidade a sua primitiva historia.

Este paiz situado na extremidade da Africa é dividido da Asia pelo mar roxo. O Nilo, atravessando a Ethiopia, vem alagar os seus campos e fertilisa-os; aliás elles seriam estereis; mas cumpre que as inundações não excedam nem sejam inferiores a certa medida que, collocada no rio, serve de balisa aos habitantes para se regularem ácerca das sementeiras. Havendo excesso ou diminuição nas enchentes, a fome é certa no Egypto. Nos tempos antigos o lago Moeris, construido pelos reis pastores, obviava a este damno, recolhendo em si as aguas do rio, quando crescia de mais, para depois as soltar, quando as enchentes eram menores do necessario.

A historia deste povo é como a de todos os outros cheia de fabulas. Os primeiros homens que começaram a civilisa-los foram deificados. D'ahi nasceu a necessidade do maravilhoso. Assim os reinados de Teut, de Osiris e Isis, e de Hermes ou Mercurio, são um tecido de milagres e embustes, e é delles que a idolatria tira a sua origem.

Menes foi o primeiro rei do Egypto em cuja historia apparecem alguns visos de verdade. Segundo os melhores chronologistas elle viveu 2960 antes de Jesu-Christo. Depois d'elle seguiu-se a conquista do Egypto pelos arabes, e a dynastia dos *reis pastores*, dos quaes um parece ter sido Sesostris, principe guerreiro e politico, de quem nada com certeza sabemos, mas que se crê estendeu o seu imperio até a Thracia e a India.

Seis seculos antes da era christã é que a historia egypcia principia a esclarecer-se. Psammetico, que então reinava, abriu seus portos aos estrangeiros, e os gregos estabeleceram relações commerciaes com este paiz. Nechos, seu filho e successor, pretendeu unir o Mar-Roxo ao Nilo por meio de um canal; porém baldou-se esta empreza. Este mesmo principe mandou partir do Mar-Roxo certos navegadores phenicios, que, rodeando a Africa, voltaram pelo mar Mediterraneo e entraram nas bocas do Nilo. Um tal acontecimento immortalizou o seu nome.

Amasis lhe succedeu, e foi tambem protector do commercio. Os gregos frequentaram o Egypto; e Pythagoras e Solon lá foram aprender, nesse tempo, um seus sonhos, outro sua politica.

Por morte de Amasis caíu esta monarchia. Cambises rei da Persia a conquistou, e desde então até o tempo de Alexandre ficou sujeita aos persas. Depois reinaram os Ptolomeus, cuja historia veremos ao diante. Diremos agora alguma cousa ácerca dos costumes deste *ancião dos povos*.

A monarchia egypcia, a mais antiga de todas, teve logo alguns caracteres de mixta. A lei era acima dos reis. Depois de mortos elles eram julgados pelos actos da sua vida. Segundo estes as benções ou a execração publica acompanhava para sempre a sua me-

moria, e aos máus se negava a sepultura nas catacumbas das pyramides, que tinham sido levantadas para monumento dos reis.

A plebe vivia unicamente do seu trabalho, e não podia possuir propriedade alguma. O rei, os soldados, e os sacerdotes tinham o senhorio das terras. Isto, e a separação perpetua das castas, mais ainda do que o seu caracter pouco bellicoso, fazia com que os egypcios fossem facilmente subjugados por qualquer invasor.

Mas concentrada a propriedade nas mãos de poucos, puderam as classes privilegiadas erguer sem custo os prodigiosos monumentos, que teem resistido aos seculos, e outros que o tempo tragou. Assim as obras egypcias mostram uma arte rude, como ainda na sua infancia, e além disso escrava; porém apresentam um agigantado de invenção e execução, que só grandes meios podiam promover e levar a cabo. Nada ha bello em quantos artefactos restam d'aquelle paiz, mas em quasi todos apparecem enormes difficuldades vencidas. É o genio e a liberdade quem cria o bello: — é a força e a oppressão quem traça ordinariamente as obras espantosas, com que o poderoso pretende desmentir em si a fraqueza do homem. A maior pyramide que ainda resta no Egypto tem 2640 pés de circuito e de altura 500. Sixto 5.^o fez reparar de novo um obelisco de mais de 200 pés de alto e de uma só peça, que d'alli tinha sido transportado para Roma no tempo dos imperadores.

A religião dos egypcios consistia na idolatria mais absurda que se póde conceber. O boi Apis era a principal divindade. Gatos, cães, crocodilos, ichneumons, e até certas plantas hortenses se adoravam em diversas provincias, pelo que dizia um poeta romano que felizes eram elles em lhes nascerem os deuses nas hortas. Outros animaes, pelo contrario d'aquelles, atraíam o odio dos egypcios. Os sacerdotes que formavam a parte illustrada da nação, e que se pareciam com os de todas as outras falsas religiões, embutiam ao povo mil patranhas, de que se riam, mas que lhes davam de comer. Elles tinham comtudo uma religião philosophica e mysteriosa, que conservaram entre si por meio das tradições e dos hieroglyphicos.

India.

Depois do Egypto, é a India o paiz cuja historia parece mais remota, se attendermos ás novas investigações feitas pelos antiquarios inglezes residentes em Calcuttá, e nas demais conquistas desta nação. A historia moderna do Indostão está muito ligada com a nossa, e por isso voltaremos a ella quando fallarmos das nossas conquistas na India. Agora nos contentaremos com dar uma breve idéa de sua posição e de seus costumes, segundo o que nos foi transmitido pelos antigos, e que em grande parte ainda hoje subsiste.

A India é uma península situada na parte mais meridional da Asia. As correntes do Indo e do Ganges, que desaguam em mares oppostos, lhe servem de limites para o lado dos extensissimos sertões d'aquella parte do globo, e o Oceano a banha pelo occidente e oriente. As serras de Gate a cortam ao comprido, e para um e outro lado das montanhas se estendem longos terrenos de grande producção. A seda, o algodão, o assucar, as especiarias, os delicados fructos, os animaes uteis, emfim, se encontram neste excellente paiz em grande abundancia. Os habitantes de uma região favorecida assim da natureza deveriam ser felizes e ricos; mas quasi sempre succede o contrario, e os indios são pobres e desgraçados de tempos immemoriaes. A brandura do clima os amollece, e o despotismo se aproveita disso para os opprimir. A divi-

são das castas mais rigorosa que no Egypto; os reis tirados sempre da raça sacerdotal; e a sciencia finalmente propriedade exclusiva desta, contribuíram sempre para a escravidão da India. — Entretanto este paiz teve uma civilização remotissima, mas, como a dos egypcios e chins, estacionaria; por isso que uma constituição despotica destroe toda a possibilidade de aperfeiçoamento. — Os bramenes eram antigamente, como ainda hoje são, os depositarios do culto religioso. A austeridade de seus costumes os tornou assaz celebres. Desprezavam as intemperies das estações e a morte, que até buscavam, queimando-se vivos antes que lh'a trouxessem a velhice ou as enfermidades. Muitos delles andavam nus, e d'ahi veio o chamarem-lhes os gregos gymnosophistas.

Crê-se terem sido elles os inventores dos algarismos e do xadrez. Tambem parece que a metempsychose, ou doutrina da transmigração, nasceu entre os bramenes. Ella tem durado na India até os nossos dias, e desta persuasão provém o respeito e cuidados que os indios consagram aos animaes.

Phenicios, Babilonios, Assyrios.

A Phenicia, situada no extremo do Mediterraneo, era um paiz areento e esteril, e que não podia sustentar os seus habitantes. Assim, incitado este povo pela necessidade, é entre os antigos o mais nomeado por artes, por inventos, e pela navegação. Para esta seus bons portos de mar e as florestas do Libano lhes facilitavam os meios, e só guiados pelas estrellas, os phenicios estenderam prodigiosamente o seu commercio. Não lhes bastou fundar colonias na Grecia, na Sardenha, e em Sicilia, mas estabeleceram-as até em Hespanha, e depois de passarem o estreito de Gibraltar fizeram de Cadiz a sua mais opulenta feitoria.

O acaso deu aos phenicios a sua estimada *cor de purpura*. Diz-se que um rafeiro apertado da fome quebrara uma concha que encontrou, para comer o marisco, e viram os circumstantes que lhe ficava a boca tineta de um vermelho bellissimo: buscaram conchas semelhantes; acharam meio de o extraír e de o applicar á tela, e brevemente a purpura serviu para o ornato dos reis.

A invenção do alfabeto deve-se a esta nação. Dos caracteres phenicios nasceram os gregos e os etruscos, e de ambos elles os latinos, que deram origem a todos os das modernas nações da Europa. É claro que esta descoberta é a melhor de quantas devemos aos antigos.

Sidon foi a primeira capital da Phenicia. Tyro floresceu depois, e tomou o lugar de primazia que tivera aquella cidade. Uma colonia saída de Tyro veio fundar Carthago, que a excedeu muito em poder e prosperidade.

Apesar da sua civilização os phenicios foram supersticiosos. O Sanchoniaton, o mais antigo livro de que nos restam fragmentos, á excepção dos hebraicos, nos transmittiu mui obscuras idéas acerca da sua theologia. Diz-se que elles sacrificavam victimas humanas nos altares dos idolos. Um culto com taes holocaustos era por certo abominavel.

Os assyrios e babilonios habitavam a Mesopotamia. A capital dos primeiros era Ninive, edificada nas margens do Tigre, como Babilonia o era nas do Euphrates. Estes dois povos formaram brevemente um só. A historia de Nino e Semiramis, que se diz terem governado este paiz, pertence aos tempos fabulosos. Nada sabemos da Assyria até o reinado do devasso Sardapálo, celebre por suas dissoluções, que cercado pelos médos, se queimou vivo com as suas concubinas no seu palacio. O resto das antiguidades deste imperio são quasi desconhecidas.

Os sacerdotes babilonios ou chaldeus, como lhes chama a Biblia, davam-se muito á astronomia, e chegaram a descobrir os relogios de sol, mas inventaram a par disto a absurda sciencia da astrologia, com que enganavam o povo e o roubavam, gabando-se de adivinhar o futuro pela inspecção dos astros. O sol, astro da luz e da vida, representado pelo idolo de Belo, era a divindade principal dos assyrios.

A corrupção dos costumes, o luxo e a miseria tinham entre elles chegado ao seu auge, quando Cyro conquistou Babilonia. Este imperio caiu para nunca mais resurgir, e o seu nome foi riscado de todo do catalogo das nações.

Media e Persia.

A Média situada ao norte e além do Tigre, era um paiz montanhoso sujeito aos assyrios. No tempo de Sardanapálo os médos se rebellaram e destruíram o imperio. Desde então ficaram independentes. Elegeram rei a Dejoces, que algum tempo os governou, mas enfim foram conquistados pelos persas, a quem ficaram sujeitos. Ecbatana edificada por Dejoces era a sua capital.

A monarchia persa era uma das mais antigas do mundo. Cyro a tornou muito celebre e poderosa, e o seu reinado fórma uma grande epocha, perto de seiscentos annos antes de Jesu-Christo. Posto que a sua historia seja escura, o que é certo é que elle accrescentou muito o imperio. Depois de derrotar Creso, rei da Lydia, tomou Babilonia, deu liberdade aos judeus, que alli andavam captivos, e estendeu o seu dominio, por um lado até o mar Caspio, e por outro até a India. Foi enfim vencido por Tomyris rainha dos massagetas, e cre-se que morreu na batalha. Engrandecida a Persia pelas conquistas, o luxo a destruiu em breve. Cambyses successor de Cyro foi um monstro. Depois de subjugar o Egypto, tentou conquistar a Ethiopia; mas foi repellido e pouco depois morreu. Subiu ao throno Dario filho de Hystaspes. Este foi quem primeiro invadiu a Grecia como veremos. Xerxes lhe succedeu, e apoz elle uma serie de despotas mais ou menos desprezíveis, até Dario Codomano, em cuja vida acabou este imperio ás mãos de Alexandre Magno.

Os persas adoravam um deus summo e invisivel, cujo symulachro era o sol ou o fogo. Zoroastro tinha estabelecido esta religião, e os magos eram os seus sacerdotes. Para explicar a causa dos bens e males do mundo diziam que havia dois principios, um bom, que era Deus, a quem chamavam Oromasis, e outro máu, chamado Arimano. O povo tomou brevemente o sol e o fogo por verdadeiros deuses, e caiu na idolatria; mas a religião persa era de todas as que havia na antiguidade a mais philosophica e pura na sua origem.

Os Ministros.

ANTIGAMENTE na republica hebreu, e em muitas outras, os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades... Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pertença, com o seu requerimento, e sem entrar na cidade e voltava no mesmo dia respondido para sua casa... Não saibam os requerentes a differença daquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo [que os de a pé não fazem conto, nem delles se faz conta]: as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa ou

se o ha no mundo; sendo necessaria muita valia só para alcançar de um criado a revelação deste mysterio. Uns batem; outros não se atrevem a bater: todos a esperar; e todos a desesperar. Saé finalmente o ministro quatro horas depois do sol: apparece e desaparece de corrida: olham os requerentes para o ceu, e uns para os outros: aparta-se desconsolada a cidade que esperava juncta.— *Vieira.*



RAMO E FRUCTO DA ARVORE DO CAFE'.

(*Coffea Arabica.*)

O CAFEIRO, ou *cafexeiro* é um arbusto ramoso e sempre virente, com o tronco recto, os ramos oppositos, e ordenados por fórma, que os superiores cruzam sobre os inferiores, as folhas tambem oppositas, lisas, ovaes, e parecidas com as do loureiro, porém maiores, e as flores brancas, inteiriças, tubulosas como o jasmim na parte inferior, com cinco recortes na superior, odoríferas, e nascendo agrupadas a quatro e a cinco nas *axillas*, ou vãos entre as folhas e o tronco. A estas flores succedem umas bagas vermelhas, do feitio de cerejas, com uma covinha ou embigo no vertice, presas por um pediculo grosso e curtissimo, e que encerram uma polpa gommosa e adocicada com duas sementes, ou grãos convexos por um lado, e pelo outro, que é chato, estreitamente collados, munidos cada um d'uma membrana, ou pellicula tenue. São estes os bagos de café, que nos ministram uma deliciosa bebida. Mirbel diz que, se a deixasse:m, esta planta cresceria na America, como na Arabia,

seu paiz natal, a mais de vinte e cinco pés d'altura, porém usaram descabeça-la para melhor se colherem os fructos, e serem mais abundantes.

Quando os nossos navegadores rodeando a Africa chegaram á Arabia, começaram por negocio a transportar o café para a India: os hollandezes, que nos usurparam este ramo de commercio, como todos os que faziamos no Oriente, levaram para Batavia alguns pés daquelle arbusto. Neste tempo o café que vinha á Europa era trazido da Arabia aos mercados então florescentes de Veneza e Marselha: embarcava-se em Moka [1], atravessava o Mar-Vermelho até Suez, donde por terra era conduzido a Alexandria no Egypto, e aqui o vinham buscar os navios daquelles dois portos commerciantes, que dissemos. As nossas embarcações e as hollandezas tambem transportavam algum pelo Cabo de Boa-Esperança. Mas estas exportações faziam o genero mui caro na Europa. A final cançaram-se de ir buscar tão longe uma mercadoria, que podia com menos custo conseguir-se: os hollandezes trouxeram de Batavia pés de café para a sua Guyanna, e os francezes conseguiram aclimatá-lo nas Antilhas: o successo destes ultimos é notavel, e por isso o referiremos. Luiz 14.^o teve um presente da Hollanda de dois pés de café, que foram postos no jardim das plantas, onde lançaram pimpolhos: em 1726 encarregaram Desclieux de transportar dois á Martinica. Em 1727 as colheitas dos generos, que se cultivavam nesta ilha, foram tão desgraçadas que tudo se perdeu e a miseria e desanimação eram geraes; nesta crise appareceu o café aos habitantes da Martinica como uma taboa no naufragio. Dos dois pimpolhos que levava Desclieux, um mirrou-se na viagem, e só o outro pôde escapar mediante o generoso sacrificio do conductor, que repartia com elle, regando-o, a sua pequena ração d'agua, a qual tinha escaceado a bordo. Deste pé só, se propagaram muitos outros, de fórma que em pouco o café se generalisou naquella ilha, e dalli para as colonias visinhas. Na Cayanna tambem os francezes o introduziram, trazendo clandestinamente as sementes novas da proxima colonia hollandeza.

A America, não contente com a aquisição da canna do assucar, obteve esta nova conquista; e desde então data a vulgarisação mais extensa da bebida do café na Europa. Porém se os europeus o tomam hoje uns por paixão, outros por habito; para os orientaes, especialmente os ottomanos, o uso do café é uma imperiosa necessidade; é condição essencial de qualquer visita, e tamanha incivilidade é recusa-lo como não o offerecer. No principio da sua introdução no imperio turco, tudo largava as mesquitas para acudir aos botequins. O muphti de Constantinopola, afflicto por ver os templos desertos, quiz comprehender aquella bebida em o numero das espirituosas, que a lei de Mafoma prohibe, e instigou o Sultão Amurath 3.^o a supprimir os cafés. Esta intolerancia excitou sedições, e a final a prohibição ficou sem effeito. Em 1523 o cabeça do islamismo, Abdallah Ibrahim, prégoou com toda a força n'uma mesquita contra o uso do café: deu isto logar a serios motins, e o governador do Cairo, El-Belet, convocou juncta dos doutores da lei, e depois de com toda a paciencia lhes ter ouvido uma longa discussão, mandou servir café geralmente a todos os assistentes, e dissolveu a assembléa sem lhes dizer palavra: deste modo conseguiu restabelecer o socego. Na Europa não tem havido, nem, ao que suppomos, haverá rixas e alborotos por causa de prohibições do uso do café; mas se tal acontecesse não faltariam apaixonados a pu-

(1) Moka, cidade e porto da Arabia, á entrada do Mar-Vermelho, donde ficou ao café de melhor qualidade o nome de café de Moka, por ser, ainda hoje, o da Arabia mais excellente que o americano.

gnar por elle. Para gloria destes lhes diremos, que tres grandes poetas foram grandissimos panegyristas e bebedores de café; Voltaire, Pope, e Delille; e que Mr. Humboldt avalia o consumo annual daquelle genero na Europa em cento e vinte milhões de libras de peso.

Em as nossas ilhas de Cabo-Verde a experiencia de poucos proprietarios assisados tem mostrado a grande utilidade, que da cultura do café podia tirar aquella provincia, exportando-o directamente para a metropole: ha pouco se tem diligenciado promover este ramo de prosperidade para aquella desgraçada colonia, mas cumpre que se prosiga animando os proprietarios opulentos, para com seu exemplo e feliz successo instruirem practicamente um povo rude, a quem theorias e discursos não convencem, nem separam de seu desleixo habitual. As pequenas porções de café, que destas ilhas tem vindo ao reino, attestam a sua boa qualidade; e a cultura, que lá se tem feito até agora, mostra quão lucrativo ramo de industria agricola e commercial dahi se podia obter conseguindo generalisa-la. Parece que os primeiros pés de café, que appareceram em as ilhas de Cabo-Verde, foram na de S. Nicolau cinco plantas produzidas de sementes trazidas das colonias inglezas a Antonio Leite, que por muito tempo o cultivou com vantagem, quasi exclusivamente.

UMA CAÇADA DE ELEPHANTES NOS ARREDORES DO CABO DE BOA-ESPERANÇA.

(Fragmento).

TENDO recebido em 1827 uma patente de tenente para servir no real regimento africano, que guarnece diferentes pontos nos arredores do cabo de Boa-Esperança, parti para o meu destino. Chegando ao quartel-general, fui mandado para o destacamento pe Friederiksbourg, estação que havia pouco se estabelecera nas margens pittorescas do *Gualana*, além de *Fishriver*, e aonde estava um irmão meu. A guarnição deste posto, composta em grande parte de officiaes de diversos corpos, e de algumas companhias do real regimento africano, occupava-se activamente na caça dos elephantes, unicos inimigos com quem tinha de combater. Nos primeiros tempos da fundação deste estabelecimento, os nossos soldados, para terem carne fresca, tinham começado a guerrear os elephantes; mas depois, estes, irritados com a audacia dos novos hospedes, vieram em bando accommetter as nossas paliçadas. Arrancavam com a tromba as estacas, e muitas vezes eram mortos no meio das fogueiras do acampamento, porque nada ha que eguale o valor do elephante d'África. Já muitos dos nossos soldados tinham succumbido nestes ataques: mas logo que se construíram os abarracamentos para se aquartellar a guarnição, e alguns hottentotes, que se tinham reunido a ella, e que ficou tudo cercado com um largo fosso, e com uma trincheira de leiva de seis pés de alto, nada mais houve que recear dos elephantes. Algumas cabanas alevantadas fóra das linhas de circumvallação eram sómente accommettidas de tempos a tempos; mas uma descarga de artilharia os fez abandonar para sempre a empresa, tendo-lhes ficado quinze companheiros estendidos no campo. Graças a este successo, e aos nossos entrincheiramentos, trocaram-se as scenas, e fomos nós que tomámos a offensiva.

Tanto que tomei posse do meu novo cargo, mostrei vivos desejos de tomar parte nos perigos dos meus valerosos camaradas, e passados alguns dias fui admitido a uma caçada que estava justa. Encontrámos uma aliã, ou elephanta, que só á força de mais de

com tiros de espingarda podemos derrubar. A' primeira vista parecia que as ballas escorregavam pela superficie rugosa do seu corpo; mas tendo-se-lhe atirado muitas descargas aos olhos e á tromba, caíu de repente, sem poder mais levantar-se ou resistir-nos. Cheguei-me ao pé, e vi que tinha o couro atravessado de mais de 60 ballas. Os soldados tiraram-lhe os dentes e viemo-nos embora. — O bom successo deste dia me decidiu a nunca mais faltar a semelhantes empresas.

Passados alguns dias depois desta primeira expedição, houve outra. Fui lá, mas quando já tinham partido os outros caçadores. Tinha de atravessar uma selva: pouco habituado a abrir caminho por entre as brenhas enredadas e pantanosas, estive a ponto umas poucas de vezes de ficar atollado nos brejos, e só com grande trabalho dei com o trilho dos meus camaradas. Apenas tinha passado o bosque e chegado a um prado nas margens do *Gaulana*, senti pelos tiros que se davam, que estava ao pé dos caçadores. Ia já assustado; isto me animou. Quando, porém, começava a respirar desaffogadamente, uma sentinella me gritou. *Tome sentido! — Não se approxime!* — Como nada via que podesse assustar-me, nenhuma cautella tomei contra um perigo que não me parecia haver. A sentinella vendo-me immovel continuou a gritar-me, chamando-me pelo meu nome, para que eu visse que fallava comigo. Então conheci que estava em risco, e já olhava por onde me havia de retirar, quando o estourar dos troncos de arvores, e gritos agudos e rai-vosos me annunciaram a approximação dos inimigos. Era uma elephanta de desmarcada grandesa, acompanhada por dois elephantes pequenos, que saíam do bosque onde eu tinha estado.

Como agora me via apenas a cem passos de distancia delles, e a elephanta se dirigia rapidamente para mim, não tive muito tempo para reflectir no que devia fazer. Sósinho, no meio de uma planicie desabrigada, julguei-me perdido, se me não valia da espingarda. Puxei um dos gatilhos da que levava, e que era de dois canos; mas não tendo apontado bem, erreí o tiro. Depois desta inutil tentativa, fugi para uma moita de arvores novas, que estava no meio do prado. Mas, olhando para traz, vi que os elephantes tinham abandonado a primeira direcção, e vinham para o sitio onde eu me tinha escondido. Corri então para a banda do rio, com o intento de me metter por entre as quebradas dos rochedos, que lhe orlam as margens, parecendo-me que era logar onde estaria seguro.

Pouco tinha já de andar para me ver salvo do perigo: mas os elephantes estavam ao pé de mim. A femea vinha á frente, dando berros espantosos. Desorientado, e não sabendo como me havia de livrar de tão formidaveis e encarniçados aggressores, apontei a espingarda á elephanta, mais para a assustar do que com a esperanza de a derribar. A escorva humida não ardeu logo, e em quanto eu examinava a causa da demora, o tiro partiu; mas a balla não fez mais do que roçar pela testa monstruosa do animal. Irritada pela minha audacia, a elephanta atirou-se a mim. Desde este ponto ser-me-ia difficil explicar o que senti. Possuido, sem duvida, de terror, caí aos pés do bruto, que me alevantou com uma das presas. Felizmente já não tinha senão aquella, e essa mesma muito gasta. Sacudiu-me depois ao ar, e caí-lhe entre as patas dianteiras. Nesta posição começou a patear terrivelmente, e ora me punha os pés em cima, ora me dava pancadas nas nadegas com a presa que lhe restava. As dores vivissimas que sentia me fizeram entrar em mim; mas, não podendo esquivar-me á furia do meu adversario, buscava ao menos amparar-me dos seus golpes. Conservei-me quanto pude

embrulhado; e, sem duvida, a esta precaução, juncta a ser o chão lodoso, e á forma dos pés do elephante, devo o não ter morrido das atrozes contusões que soffri. Os elephantes mais pequenos não tomavam parte na peleja, e andavam á roda da mãe dando signal do seu receio com repetidos berros. [Continuar-se-ha].

A RHINOPLASTICA.

É ESTA uma operação engenhosa de que os cirurgiões teem tractado muito ha uns annos, e a que dizem respeito algumas singularidades historicas assaz curiosas: — vem a ser a operação o soldar os narizes cortados.

Na Italia e na Asia havia antigamente o costume de cortar os narizes aos criminosos; e os portuguezes conquistadores da India adoptaram sem cerimonia este supplicio. Carlos 5.^o mandava decepar o nariz aos ladrões. Carlos 2.^o de Inglaterra julgou que não podia impor pena mais cruel ao cavalheiro de Coventry, que tinha fallado com pouco respeito de duas actrizes estimadas na côrte. Mais de uma vez houve mulheres que a ponto de caírem em mãos inimigas, se sugertaram a esta amputação para se affiearem, e assim lhes ficar salva a honra. Ajunctem-se a estas mutilações extraordinarias as que resultam de accidentes imprevistos, e ver-se-ha que a necessidade de restaurar narizes se ha-de ter apresentado muitas vezes aos cirurgiões. Com effeito Galeno, Accio, e Celso fallam já desta operação. Tagliacozzi, que viveu no seculo 16, tinha ganhado tal reputação practicando-a, que lhe alevantaram uma estatua no amphitheatro anatomico de Bolonha. Griffon de Lausanna passou tambem por habil restaurador de narizes, e Ambrosio Paré refere que, na côrte de Henrique 3.^o ficaram todos admirados quando viram voltar com o nariz composto o cavalheiro de Thouan, que tizha ido concerta-lo á Italia.

Em França fabricam-se ha muito tempo narizes postiços de prata, de couro, de papelão, e até de cera, que por diversos meios se podem segurar na cara; mas taes narizes não servem como os concertados, por mais disformes que estes sejam, para qualquer desnarigado se assoar, e tomar tabaco.

Segundo Velpeau o novo nariz corta-se com um instrumento proprio [*nasifex*] de outra parte carnosa do corpo, como a polpa de um braço &c. e immediatamente se applica e se côze, e tracta como outra qualquer ferida.

Na India os nobres não fazem nenhuma cerimonia em mandar cortar o nariz a qualquer dos seus subditos, para o porem no logar do seu, quando o perdem; chama-se este methodo *de transplantação*. Ordinariamente a operação executa-se com tanta felicidade, segundo dizem os viajantes, que para obstar a que os criminosos, a quem se cortou o nariz, façam desapparecer esta deformidade, costumam tomar a cautella de lho deitar no lume logo que lho cortam.

Malinelli affirma que seu pae tendo recebido, dentro de um pão quente, o nariz de um italiano, pouco depois de lhe ter sido cortado, lho pôde pegar outra vez com optimo resultado: Leyster refere um caso semelhante succedido com um rapaz de illustre nascimento.

Dionis conta que tendo-se cortado o nariz a um ladrão, elle correu logo a casa de um cirurgião, que exigiu arranjasse um nariz, para lhe pôr em logar do que lhe fôra decepado. Os seus camaradas, que iam com elle, saíram por alli fóra, cercearam o nariz á primeira pessoa que encontraram, e trouxeram-no ainda quente ao cirurgião, que o applicou, e segurou com todo o primor na cara do ladrão desnarigado.

RECEITAS PARA TIRAR NODOAS DO FATO.

As **NODOAS** são gordurentas, oleosas, ou resinosas; são causadas pelo acido, pelos alcalis ou pela urina, pela tincta, resinas, alcatrão, sebo, &c.

1.^o Tiram-se as nodoas gordurentas ou oleosas com sabão ou agua carregada d'alcali, quando são em pannos que se podem lavar: póde-se tambem empregar o fel de boi; a essencia de therebentina e o ether podem egualmente dissolver as nodoas de gordura que tiverem caído nos livros e nas estampas.

É menos util o uso das terras absorventes, como a argila, o gesso, o cré, a greda, a cal não virgem, &c.

2.^o As resinas e a cera tiram-se com facilidade com o alcool mais, ou menos rectificado.

3.^o As nodoas d'acido comem as mais das vezes as côres; e em tal caso é indispensavel pentear o panno com os cardos proprios para isso, e arrancar os pellos do estofo descorado. Os sabões e os alcalis raras vezes restituem as cores ao estado primitivo.

4.^o As nodoas de alcalis ou de urina podem tirar-se com os acidos vegetaes, o vinagre, o çumo de limão, o acido tartrico, e finalmente com o sal de azedas.

5.^o As nodoas de tincta de escrever tiram-se facilmente da roupa branca com o sal de azedas; e de outras fazendas com o acido nitrico enfraquecido, &c. A tincta de imprimir, por ser gordurenta, requer o uso do sabão ordinario ou do sabão ammoniacal. Lava-se depois o panno.

6.^o A ferrugem tira-se com o hydrosulfato de potassa, ou com uma dissolução de fel de enxofre alcalino; lava-se depois em muitas aguas.

7.^o As resinas, o alcatrão, e os pingos de tincta a oleo tiram-se com o oleo volatil de therebentina. As primeiras tambem se tiram com o alcool. O sebo e outros corpos gordos analogos tiram se com gema de ovo cosida; depois ensaboa-se e lava-se a fazenda.

NEM SÓ NÓS SOMOS CREDULOS.

PUBLICA-SE em Inglaterra [ou pelo menos ainda ha dois annos se publicava] um Almanack prophetic e astrologico, conhecido antigamente pelo nome de Almanack de Moore. Durante muitos annos vendeu a companhia dos livreiros, que fazia as edições delle, de 420:000 a 430:000 exemplares por anno. Ha bastantes annos a companhia resolveu-se a não traficar mais em mentiras, e por tres annos omittiu no Almanack a parte prophetica: a venda desceu logo a metade, em quanto um *prognosticador*, chamado Wright, natural de Eaton, juncto de Woolstrobe, publicou outro com prophecias, e vendeu 50 a 60 mil exemplares. Para salvar a sua propriedade, a companhia assoldou então outro propheta, chamado Andrews, de Royston, tambem em Woolstrobe, para prognosticar por conta della: a venda tornou a augmentar prodigiosamente. Aquella companhia publica 3 ou 4 almanacks propheticos, e 3 ou 4 rasoaveis ou scientificos; mas por cada um destes que se vende, vendem-se 20 dos outros.

Avaliação do merito dos Actores. — Le Sage, o bem conhecido escriptor de *Gil Braz*, do *Diabo côxo*, e de outros romances ingenhosos, quando caíu na velhice estava completamente surdo; mas nem por isso deixava de assistir á representação dos seus dramas, e dizia que nunca ajuisára tãobem do jogo scenico, e do effeito das composições, como depois que não ouvia os actores. Esta anedocta é tanto mais interessante, quanto nos dá a conhecer que o melhor

meio de avaliar um bom actor será tapar os ouvidos. E quão raros serão os actores que não percam no conceito dos espectadores com esta experiencia! A maior parte dizem uma cousa, e exprimem outra; contra-senso difficil de perceber quando o espirito se preoccupa com o sentido das palavras.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

20 de Maio

1449 — Batalha de Alfarrobeira e morte do infante D. Pedro. Vide a pag. 41 deste volume.

1506 — Morte de Christovam Colombo descobridor da America.

1527 — Nasce em Valladolid o principe D. Philippe, depois rei, 2.^o do nome em Castella, e 1.^o em Portugal.

21

1793 — Os pretos da ilha de S. Domingos revoltam-se e assassinam todos os brancos.

22

234 antes de Christo — Batalha do Granico [rio da Asia menor] em que Alexandre Magno derrotou, com 30:000 macedonios, 600:000 persas.

337 — Da era christã — Morte de Constantino, o grande, 1.^o imperador de Roma christão.

23

1525 — Descobre-se a provincia do Espirito Sancto, no Brasil.

24

1543 — Morte de Copernico, ou antes Koppernick, nascido na Prussia polaca a 9 de Fevereiro de 1473. — Este grande astronomo expirou no mesmo dia em que lhe entregaram o primeiro exemplar impresso das suas obras. Foi elle quem fez reviver o systema pythagorico do universo, hoje geralmente recebido. — Na cidade de Thorn, sua patria, ainda se conserva do mesmo modo o quarto onde elle nasceu. A sentença de condemnação que se tinha dado em Roma contra a sua memoria, foi abrogada em 1821.

25

1663 — Tumulto popular em Lisboa. Tendo chegado a nova de que os castelhanos haviam tomado Evora, o povo começou a agitar-se. O secretario d'estado teve a imprudencia de mandar fazer um risco pelo meio do terreiro do Paço, dizendo ao povo que quem quizesse ir militar no Aléntejo se mettesse daquelle risco para dentro. Correu o tropel da gente mais plebea: e quando a multidão já estava reunida, rompeu do meio della uma voz clamando que elrei fora morto naquella noite por traidores; cresceu o tumulto, e apesar d'elrei apparecer á janella, não se accomodou a plebe. Saíram dalli, e foram attacar varias casas, fazendo grandes estragos. Pela tarde asserenou aquella tormenta, e á noite estava o socego restabelecido.

26

1644 — Batalha do Montijo. Os portuguezes desbaratados a principio voltam sobre os castelhanos, e os derrotam. O exercito inimigo perdeu quasi metade da sua força.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.